

Data: 12.09.2019

Título: Gonçalves entrou com a média mais alta no curso que já lançou Leonardo na NASA

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;16



Ensino superior Gonçalo entrou com a média mais alta no curso que já lançou Leonardo na NASA

Sociedade, 16

Área: 640cm² / 34%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6590908



Data: 12.09.2019

Titulo: Gonçalo entrou com a media mais alta no curso que já lançou Leonardo na NASA

Pub: 

 QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;16

Gonçalo entrou com a média mais alta no curso que levou Leonardo à NASA

Gonçalo Martins entrou no Instituto Superior Técnico com a média mais alta de Engenharia Aeroespacial. O que pode esperar no final do curso? Leonardo, que o acabou em Maio, teve estágio na NASA



Gonçalo Martins estudou na Escola Secundária Eça de Queirós, que está entre as melhores do país

Ensino superior Inês Chaíça

Não é a primeira vez que o curso de Engenharia Aeroespacial do Instituto Superior Técnico, em Lisboa, destina Medicina no que respeita às médias. Aconteceu em 2016 e 2017 – em 2018 ficou atrás de Engenharia Física e Tecnológica no Técnico e de Engenharia Civil na Madeira (porque o único aluno que concorreu tinha média de 18,94, catapultando a instituição para o topo do ranking). E voltou a acontecer este ano.

Os números provam o aumento do interesse na área: a média de aeroespacial (que já era alta) tem vindo a aumentar ano após ano, acompanhando o aumento no número de vagas oferecidas. Os alunos que con-

correm esperam um curso “exigente” – pelo menos é assim que o descreve Gonçalo Martins, o aluno com a média mais alta a entrar em 2019 – que lhes abra portas no mundo das indústrias automóvel ou aeroespacial. Foi o que aconteceu a Leonardo Machado, que terminou o curso com mestrado integrado em Maio de 2019 e já está, desde Junho, a viver nos EUA, com uma bolsa da Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT) para um projecto de investigação na NASA.

Foi consciente da complexidade do curso e da média elevada que Gonçalo Martins, prestes a fazer 18 anos, concorreu a Engenharia Aeroespacial. Na folha de candidatura colocou seis opções, todas na área das engenharias: Mecânica, Gestão industrial e Física Tecnológica. Entrou na pri-

meira opção e fez a dobradinha: é o aluno com a média mais alta do curso e com a média mais alta do país.

Entrou num curso com média de 18,95 valores – o único curso em aeroespacial em Portugal. Gonçalo teve 19,85 valores de média e foi o primeiro dos 92 alunos que entraram, este ano, no curso. “Sempre quis tirar boas notas para poder escolher sem restrições o curso que mais gostasse”, disse ao PÚBLICO. E o esforço ficou patente nas notas das provas de ingresso: um 20 redondo a Físico-Química e Matemática.

Gonçalo Martins, natural da Póvoa de Varzim, estudou na Escola Secundária Eça de Queirós, que está entre as melhores do país. O nível de exigência é um dos factores que põe esta escola no mapa – e no quarto lugar

Área: 640cm² / 34%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6590908



Data: 12.09.2019

Titulo: Gonçalo entrou com a media mais alta no curso que já lançou Leonardo na NASA

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;16



do ranking das escolas públicas (42.º no ranking geral). “Costumo dizer que é um pré-universitário”, comentava o director, José Eduardo Lemos, ao PÚBLICO, em Fevereiro. Gonçalo Martins não confirma nem desmente, por não ter termo de comparação: “Não tenho outra experiência, mas achei que os professores nos conseguiram preparar muito bem para os exames nacionais”, resume.

Este curso, com médias altas, tem como saídas a investigação ou consultoria em empresas como a Embraer, TAP ou Rolls-Royce

O interesse pelas engenharias surgiu quando percebeu que “biologia e geologia não eram bem áreas ou disciplinas que gostasse”. “Vi logo que gostava mais de física e química, por isso achei que gostaria mais de ingressar numa engenharia”, diz.

Feitos os exames do 11.º ano, começou a investigar as opções com mais afinco. “Já tinha uma ideia e, depois de falar com algumas pessoas, acabei por ficar apenas com dois”: engenharia aeroespacial e mecânica. Escolheu o primeiro. “Um curso mais multidisciplinar e que se adaptava mais aos meus gostos.” O salário não foi preponderante na escolha, apesar de se imaginar a trabalhar “numa empresa de renome”. Tem *hobbies* comuns à maioria dos jovens da sua idade (“sair com os amigos e ir ao cinema”) e também não tem uma fórmula “milagrosa” para o sucesso: diz que se limitou

a prestar atenção às aulas e a praticar os exercícios, com a ajuda de explicadores em algumas disciplinas, como Matemática, Físico-Química e, no último ano, Português.

Mas foi apanhado de surpresa pelas reacções à sua colocação. Por enquanto, ainda está a tentar digeri-las. A mudança para o ensino superior e para Lisboa provocam-lhe “alguns receios”. Não terá de procurar casa, uma vez que vai ficar na residência do Técnico, mas tem consciência que o espera um curso “desafiante”.

Altos voos para a NASA

De facto, as notas de entrada deste curso, criado em 1991, sempre foram altas. Em 1992, o PÚBLICO noticiava o “novo curso” oferecido pelo Técnico e escrevia que “notas altas – muito altas – são indispensáveis [para entrar]: por cada aluno que entra no Técnico, há dez candidatos que ficam de fora”. Eram então 40 as vagas para Engenharia Aeroespacial.

As médias deste curso, com saídas para investigação ou consultoria em empresas como a Embraer, TAP ou Rolls-Royce, aumentaram nos últimos anos. Segundo dados do *site* da Direcção-Geral do Ensino Superior (DGES), a média da 1.ª fase de 2016 foi de 18,53; a de 2017 foi de 18,80, e a de 2018 foi 18,85. Em 2013, quando Leonardo Machado entrou no curso, era 17,6 – e Engenharia Aeroespacial era o 9.º curso com a média de entrada mais alta do país. O primeiro era (ainda) Medicina, na Universidade do Porto.

Depois de cinco anos de curso, Leonardo, actualmente com 23 anos, trocou Almada por Mountain View, na Califórnia (EUA). Está a fazer um estágio no centro de investigação

NASA Ames, com uma das seis bolsas que a FCT atribui anualmente. Em Junho de 2019, com o diploma recém-emitido no bolso, fez as malas e partiu para os EUA.

“O projecto em que estou inserido estuda propulsão de foguetões”, explica. “O tipo de tecnologia que estudamos, propulsão híbrida, é bastante interessante, uma vez que tem o potencial de reduzir os custos de operação e aumentar a segurança no fabrico, armazenamento e transporte de foguetões sem, no entanto, comprometer a performance”. O funcionamento deste tipo de veículo espacial causa fenómenos “extremamente complexos” e Leonardo Machado está inserido num projecto que visa desenvolver “diferentes métodos de avaliação e medição da temperatura do *rocket exhaust plume* [isto é, os gases de combustão do foguetão, dito de uma forma simplificada]”.

O processo de selecção para este projecto começou vários meses antes. Em Dezembro de 2018, o então estudante de Engenharia Aeroespacial candidatou-se às bolsas que nasceram de um acordo entre o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, a FCT e a NASA. “Já há alguns anos que acompanhava esta iniciativa e nesse ano decidi candidatar-me”, diz. Escreveu uma carta de motivação e montou um currículo – que já contava com algumas experiências profissionais e outras internacionais, em programas na Universidade Técnica de Munique (Alemanha) e na Universidade de Vitória (Canadá). Meses mais tarde, recebeu o tão esperado “sim” da NASA.

ines.chaica@publico.pt